



# *PIB do Agronegócio do Estado de São Paulo*

*Resultados de 2015*



- SÍNTESE DE 2015:

## AGRONEGÓCIO E CONJUNTURA ECONÔMICA

O ano de 2015 não foi bom para economia brasileira, cujo PIB registrou queda de 3,8%. Entre os setores econômicos, apenas a agropecuária cresceu, 1,8%, ao passo que a indústria recuou 6,2% e os serviços 2,7% (dados IBGE). A pressão inflacionária, o desemprego crescente e as taxas de juros elevadas deterioraram o poder de compra dos consumidores e têm prejudicado os níveis de investimentos: as despesas de consumo das famílias recuaram 4% no ano e a formação bruta de capital fixo retraiu expressivos 14,1% (IBGE, 2016). Este cenário tem se agravado com a intensificação da instabilidade política e a severa crise fiscal verificadas em 2015, e que se estendem até o período corrente.

Em São Paulo, segundo dados da SEADE (2016), o PIB recuou 4,1%. Em consonância à dinâmica nacional, em termos setoriais, o principal peso sobre o PIB do estado foi a retração para indústria, de -9% (para seu valor adicionado). Esse conjunto de fatores refletiu negativamente nas expectativas e no desempenho do agronegócio, notadamente sobre os resultados da agroindústria e serviços.

Neste cenário, o PIB do agronegócio de São Paulo recuou 1,7% em 2015, pressionado pelas retrações da indústria (de insumos e agroindústria) e dos serviços. Comparativamente ao agronegócio nacional calculado pelo CEPEA, com o apoio Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), que apresentou ligeira elevação de 0,54% no ano, o resultado paulista foi mais desfavorável para o setor. Essa dinâmica explica-se pelas diferentes composições do agronegócio entre seus segmentos, no Brasil e no Estado. No Brasil, o segmento primário responde por cerca de 30% do PIB do setor, com as atividades industriais somando cerca de 40%. Já em São Paulo, a alta concentração da renda no segmento industrial é característica marcante do agronegócio. Em números, o segmento primário responde por percentual inferior a 10% do PIB do agronegócio de São Paulo, e o PIB das atividades industriais (indústrias de insumos e processamento) soma quase de 50%.

Dada a estrutura do PIB-Agro paulista, os fatores que estimularam o crescimento do agronegócio nacional tiveram efeitos mais restritos no estado. Para o Brasil, o setor foi impulsionado principalmente pelas atividades voltadas ao mercado externo, cujos preços foram favorecidos pela desvalorização do Real frente ao dólar, e pelo crescimento da produção agrícola “dentro da porteira”. Estes fatores ajudaram a amenizar o impacto das retrações na produção agroindustrial sobre o PIB. Em São Paulo, diante da baixa participação do segmento primário (voltado ou não ao mercado externo), os efeitos negativos da conjuntura econômica desfavorável, que prejudicaram de forma significativa as atividades industriais, impactaram o setor de forma mais acentuada.

Diante deste resultado, o PIB do agronegócio paulista estimado para 2015 é de R\$ 230 bilhões, representando expressivos 18,5% do PIB do agronegócio brasileiro, e cerca de 12% do PIB total do Estado.

Avaliando o agronegócio paulista através de seus ramos, observa-se que os resultados para ambos foram de baixa, e em magnitudes similares: -1,7% para o ramo agrícola e -2% para o ramo pecuário. Pela ótica dos segmentos, a baixa mais expressiva foi registrada para insumos (-6,9%); a agroindústria recuou 1,7% e os serviços 1,6%. O segmento primário, impulsionado pela produção agrícola, foi o único com resultado positivo em 2015, de 0,7%.

## RESULTADO POR SEGMENTOS

A expressiva retração do **segmento de insumos** no ano decorreu principalmente de recuos na **produção**. Para **preços**, o resultado médio do segmento foi de alta, puxada pelas valorizações para fertilizantes e defensivos. Enquanto

o PIB do segmento de insumos da agricultura acumulou retração de 9,9%, os **insumos voltados à pecuária** finalizaram 2015 com recuo de 1% no PIB.

- Para a indústria de **máquinas e equipamentos agropecuários** (que retraiu 33,4%) pesou o recuo expressivo da produção, e os preços se mantiveram praticamente estáveis. Os fatores que impactaram negativamente na produção desta indústria foram a instabilidade política, e consequente baixa confiança dos produtores, a intensa preocupação com os custos de produção, influenciados pela valorização do dólar frente ao Real, e a suspensão do PSI rural (em meados de outubro/15).
- Para **defensivos**, a baixa de 1,1% resultou da menor produção (-4,9%), diante de uma elevação real de 4% nos preços. A cautela dos produtores frente ao cenário de instabilidade econômica, elevação de juros para financiamento agrícola e valorização cambial (com impactos sobre os custos) impactou em redução da demanda para esta indústria.
- Os fatores supramencionados impactaram também em desaquecimento da demanda por **fertilizantes**. Mas, para esta indústria, a elevação de preços (11,8%) compensou a queda nas vendas e levou ao aumento do faturamento. Para as cotações, a forte alta decorreu da valorização do dólar frente ao Real, que foi repassada aos preços de fertilizantes importados.
- Para o grupo de **alimentação animal**, o crescimento do faturamento foi motivado pela elevação de 1% nas cotações e de 2,3% na produção. A desvalorização do Real frente ao dólar levou ao encarecimento de algumas matérias-primas importadas (aditivos) utilizadas na alimentação animal, o que foi repassado aos preços, impactando na ligeira valorização registrada. O crescimento das exportações de alguns segmentos do ramo pecuário deu suporte para a produção da indústria.

O **segmento primário agrícola** foi destaque em crescimento em 2015, com alta de 1,1% (melhor desempenho entre os segmentos do agronegócio). Em termos agregados, os menores **preços** foram compensados pela expansão da **produção** estadual. Vale destacar, que o aumento no volume produzido por diversas culturas representou uma recuperação frente ao ano anterior, quando transtornos climáticos intensos prejudicaram a produtividade. As principais influências *positivas* ao segmento atrelaram-se à soja e ao milho:

- Para a **soja**, o volume produzido na safra 2014/2015 aumentou 40,2%, via crescimento de 32% da produtividade da lavoura paulista. Em preços, houve recuo de 1,8%. Esta queda só não foi mais acentuada, pois a elevação dos embarques e a desvalorização do Real levaram a uma relativa sustentação, amenizando o efeito da queda das cotações externas do produto diante da oferta mundial recorde.
- Para o **milho**, o incremento na produção foi de 12,2%, que ocorreu via maior produtividade (+10,9%, segundo a Conab). O preço do milho manteve-se quase estável em 2015, com alta de 0,7% frente a 2014. A sustentação das cotações também se deu pela alta do dólar frente ao Real, que levou à maior competitividade do cereal brasileiro no mercado internacional.
- A melhora na produtividade da **cana** no estado, atrelada à recuperação dos canaviais que passaram por forte restrição hídrica na safra anterior, sustentou o faturamento da cultura, que se manteve estável no ano (+0,1%). Esta dinâmica representou uma melhoria frente ao cenário de 2014, quando o faturamento para a cultura recuou 10,6%, com expressivo impacto sobre o PIB do segmento, dado o peso da cana na agricultura paulista.

Como impactos *negativos* no segmento primário agrícola, destacam-se as quedas no faturamento da mandioca, café e tomate.

- Para o **café**, a redução da produção no estado decorreu de quedas na produtividade, vinculadas a condições climáticas desfavoráveis durante o ciclo de desenvolvimento.

Já no **segmento primário da pecuária**, que recuou 0,4%, o resultado agregado derivou de movimentos contrários aos observados na agricultura, com maiores preços (1,63%) e recuo médio na produção (-1,53%). Como impactos *negativos* no segmento primário da pecuária, destacam-se as quedas no faturamento da bovinocultura de corte, suinocultura, leite e pesca, de 3,7%, 8,5%, 4,7% e 3%, respectivamente.

- Para **bovinocultura de corte**, a produção recuou 10,6% e os preços tiveram alta real de 7,7%. A alta das cotações derivou da baixa oferta de animais para o abate, relacionada a questões climáticas. Além das poucas chuvas desde 2013 e até meados de 2015, o que prejudicou as pastagens, e o desenvolvimento e a engorda dos animais, o abate de matrizes em anos anteriores reforçou a queda na disponibilidade interna presente.
- Para a **suinocultura**, menores preços (-13,8%) pressionaram o faturamento. Dados os bons resultados da atividade em 2014, o setor aumentou sua produção, o que acabou gerando excesso de oferta e recuo das cotações. Ademais, a valorização do dólar elevou os custos de produção na atividade.
- Para o **leite**, os preços 7,7% menores pressionaram o faturamento, em um cenário de aumentos constantes de custos de produção. Como uma consequência desta dinâmica, houve um movimento de migração de produtores paulistas de leite no sentido à pecuária de corte, diante dos preços atrativos da arroba e do bezerro.

Como impactos *positivos* no segmento primário da pecuária, tem-se as elevações de faturamento registradas para as aviculturas de corte e postura, de 4,3% e 6,6%, respectivamente.

- Para a **avicultura de corte**, o cenário foi de alta em preços e produção. Para preços, a relação favorável no final de 2015 respondeu ao bom desempenho das exportações e aos elevados preços da carne bovina, o que estimulou o consumo da carne de frango.
- No caso da **avicultura postura**, o cenário também foi altista em preços e produção. O bom desempenho das exportações (aumento de 70%), impulsionadas pela alta do dólar em relação ao Real, ajudou a reduzir a disponibilidade no mercado interno, o que, aliado à demanda interna firme, elevou os preços ao produtor. Os altos custos limitaram melhores resultados financeiros na atividade.

Para a **indústria agrícola**, a queda em 2015 foi de 1,6%. No balanço das indústrias de processamento vegetal acompanhadas, de forma agregada, o resultado negativo derivou da menor **produção** (-3,9%), visto que os **preços** foram superiores em 2015 (+2,5%).

As atividades que influenciaram *positivamente* o segmento foram: indústria do café, de fabricação de sucos de laranja, de fabricação de óleo vegetais, as indústrias açucareira e de celulose e papel.

- Para a **indústria açucareira** paulista, houve aumento de preços (6,5%) e queda na produção (2,7%). Os preços foram impulsionados pela boa rentabilidade das exportações, decorrente da valorização do dólar frente ao Real e das elevações nas cotações internacionais do açúcar, atreladas, por sua vez, às estimativas de déficit global do produto na safra mundial 2015/16. Quanto à produção, a queda ocorreu apesar do aumento da produção de cana, devido à redução no ATR estimado para safra.
- No caso da indústria de **celulose**, a forte elevação das cotações (38,9%) impulsionou o faturamento. Esta elevação relacionou-se à combinação de altas no preço internacional do produto (movimento contrário ao observado para diversas outras commodities) e desvalorização do Real frente ao dólar.
- As indústrias que se destacaram *negativamente* no segmento foram a **indústria têxtil e de vestuário**. Para estas, o cenário predominante foi o de expressiva retração de produção: -15,3% e -14,2% para têxtil e vestuário, respectivamente. Esse movimento é resultante da concorrência com produtos importados e do cenário macroeconômico desfavorável, com o mercado interno desaquecido.

Para a **indústria da pecuária**, que recuou 2,5%, a pressão sobre o faturamento também decorreu do menor **volume produzido** (queda média de 3,5%), visto que os **preços** finalizaram o ano em alta (1,33%). Os resultados deste segmento foram pressionados pelas indústrias de couro e calçados, laticínios, e pelas atividades de abate de suínos e bovinos. Apenas o abate de aves e a fabricação de produtos de pescado cresceram no ano.

- Para a **indústria de calçados**, a dinâmica desfavorável se vinculou notadamente à retração no volume produzido. Em geral, essa redução ocorreu diante da fraca demanda interna, em vista ao menor poder de compra das famílias.
- Para os **laticínios**, o desempenho foi pressionado pela queda de preços (3,7%). Com o enfraquecimento da renda nacional e paulista, as vendas dos derivados foram prejudicadas. Ademais, dinâmicas de chuvas desfavoráveis em algumas regiões produtoras do estado ocasionaram o aumento da concorrência entre as indústrias por produtores, o que também dificultou a obtenção de resultados positivos no ano.
- Na **indústria do abate**, a retração mais expressiva se deu para o abate de suínos, via redução das cotações, de 12,2%. Os frigoríficos voltados ao mercado interno enfrentaram dificuldades decorrentes de um excesso de volume ofertado sobre as vendas de carne suína no atacado. Para o abate bovino, também houve certa retração no faturamento, mas, essa se deu via menor produção, visto que os preços apresentaram alta de 9,9%. No caso da carne bovina, o bom resultado em preços derivou da baixa disponibilidade interna de animais para o abate, como mencionado anteriormente.

Finalmente, seguindo o desempenho dos demais segmentos, o segmento de **serviços do agronegócio**, que reflete os resultados de todos os serviços de comercialização e distribuição dos produtos agropecuários e agroindustriais, recuou 1,6% em 2015. As retrações foram de 1,4% para os serviços relacionados ao ramo agrícola e de 2,2% para os serviços prestados ao ramo pecuário.

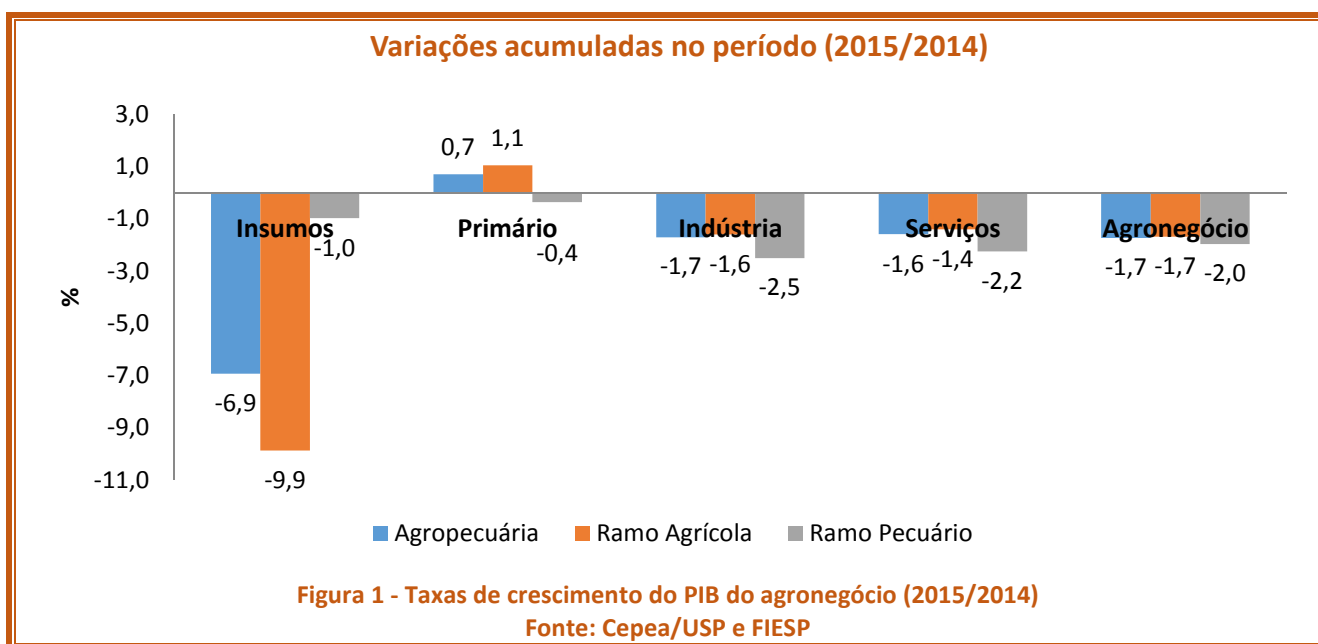
• RESULTADO DETALHADO DE 2015:

**DESEMPENHO DO AGRONEGÓCIO, SEGUNDO SEUS RAMOS E SEGMENTOS**

Em 2015, o PIB do Agronegócio do Estado recuou 1,7%, considerando-se as informações mais recentes disponíveis até o fechamento deste relatório (Figura 1). Ainda que recuando, a taxa foi mais amena que a registrada em 2014, quando o setor retraiu 3,6%. Comparando os resultados de 2014 e 2015, observa-se que o que levou a esta relativa melhora foi a reversão da queda observada anteriormente para o segmento primário e a retração menos expressiva da agroindústria e dos serviços.

Em 2015, o cenário baixista foi verificado em ambos os ramos, com retração de 1,7% para o agrícola e de 2% para o pecuário. Analisando o Agronegócio pela ótica de seus segmentos, pesaram sobre o desempenho do setor os resultados negativos para as atividades industriais (indústrias de insumos e de processamento) e de serviços, face ao crescimento do segmento primário. Na comparação entre janeiro a dezembro de 2015 e de 2014, as variações dos segmentos foram de -6,9% para insumos, +0,7% para primário, -1,7% para indústria e, refletindo os resultados dos demais segmentos, -1,6% para os serviços agropecuários – Ver Figura 1.

Observando especificamente os ramos, as dinâmicas foram ligeiramente distintas entre eles. Para o ramo da agricultura, o destaque negativo ficou com os insumos (-9,9%); a indústria de base agrícola e os serviços recuaram (1,6% e 1,4%, respectivamente) e as atividades primárias cresceram (1,1%). Já no ramo pecuário, todos os segmentos apresentaram baixa, sendo para indústria de processamento animal e para os serviços as taxas negativas mais expressivas (Ver Figura 1).



Avaliando-se os resultados em termos de evolução em **preços** e **produção**, ainda de forma bastante agregada, observa-se o peso sobre o PIB dos segmentos das retrações de produção verificadas em 2015. Apenas para o segmento primário da agricultura não houve recuo em volume neste ano.

Considerando o desempenho dos ramos e segmentos, o PIB do agronegócio paulista estimado para 2015 é de R\$ 230 bilhões, com 81,4% (R\$ 187 bilhões) referentes à agricultura e 18,6% (R\$ 42,8 bilhões) referentes ao ramo pecuário – Figura 2.

Diante deste resultado, tem-se que o PIB do agronegócio de São Paulo representa expressivos 18,5% do PIB do agronegócio brasileiro, e cerca de 12% do PIB total estadual.

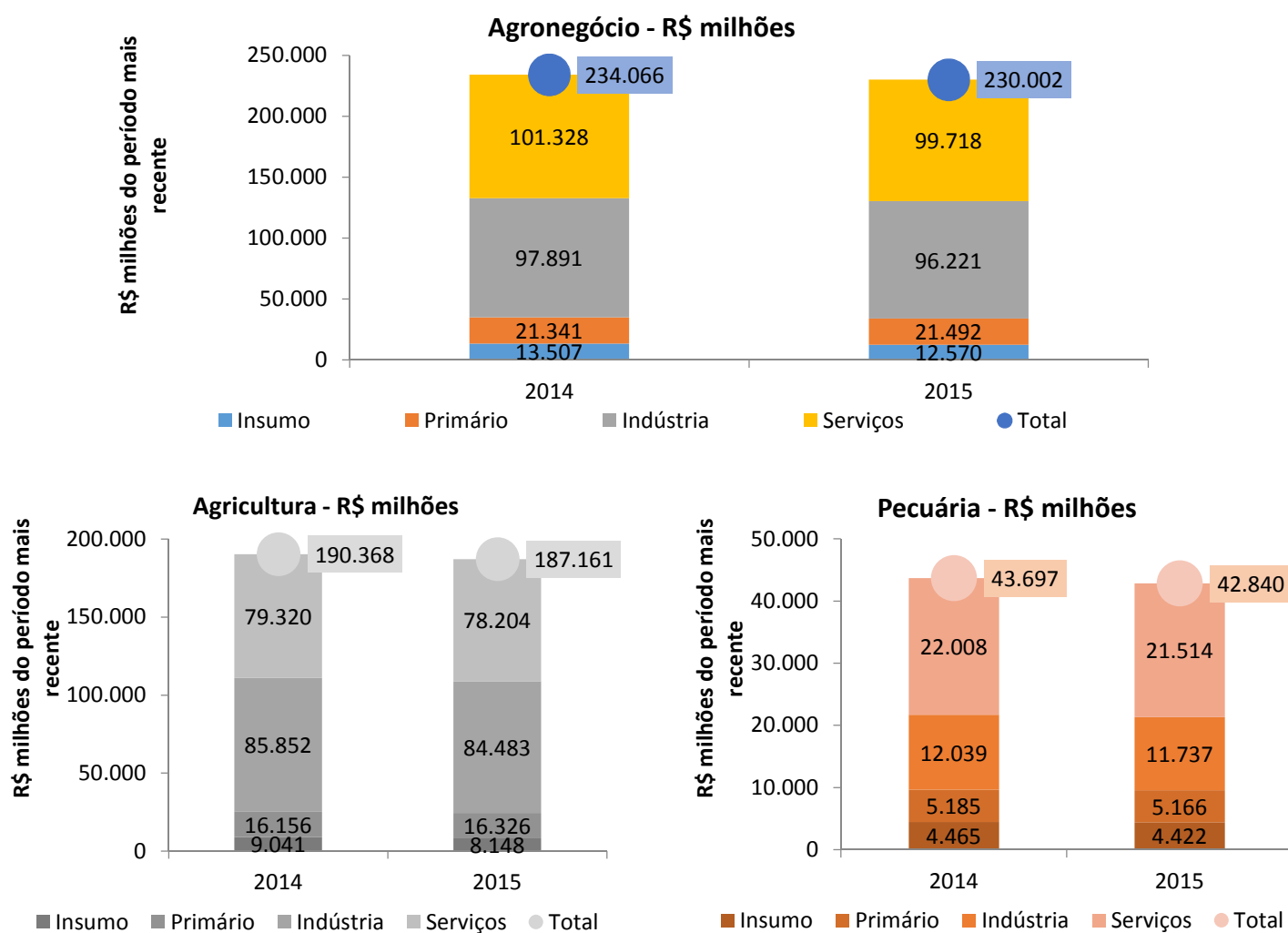


Figura 2 – Valores Monetários do PIB do Agronegócio de SP, segundo seus ramos e segmentos, em 2014 e 2015

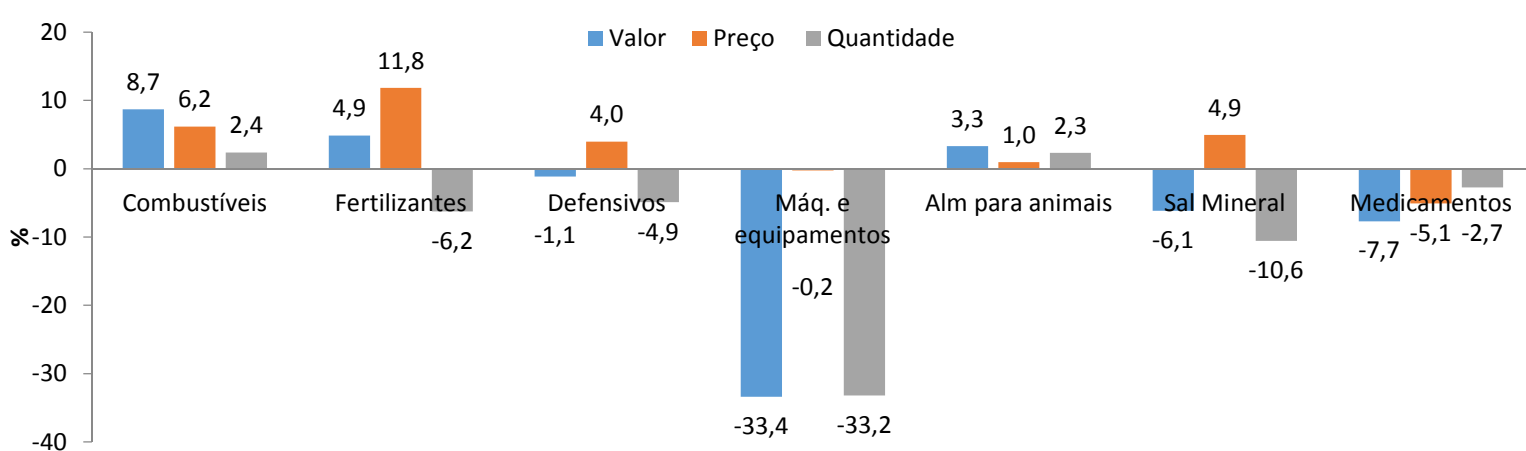
Fonte: Cepea/USP e FIESP

## SEGMENTO DE INSUMOS

Em 2015, o segmento de insumos apresentou recuos sucessivos. Esta dinâmica se deu principalmente no ramo agrícola, com a queda anual estimada se aprofundando mensalmente entre janeiro e dezembro. Como resultado da tendência baixista, o segmento de **insumos da agricultura** acumulou retração de 9,9% em 2015 (em relação a 2014). Já os **insumos voltados a pecuária** seguiram movimento de retração até meados do ano, mas demonstraram certa recuperação a partir de então. Entretanto, mesmo apresentando variações mensais positivas entre setembro e dezembro, estas não foram suficientes para compensar as baixas anteriores e o segmento finalizou 2015 com recuo de 1% – Figura 1.

Entre as atividades acompanhadas pelo Cepea, considerando-se tanto a magnitude da variação anual quanto o peso de cada uma destas no segmento de insumos, as que exerceram maior pressão sobre o resultado do segmento foram as indústrias de defensivos, máquinas e equipamentos agrícolas e medicamentos veterinários. Em contrapartida,

o faturamento real cresceu para combustíveis, fertilizantes e alimentos para animais. A Figura 3 mostra as taxas de variação do faturamento destas atividades, assim como a decomposição destas em variações de preço e produção.



Produtos	Combustíveis	Fertilizantes	Defensivos	Máq. e equipamentos	Alm para animais	Sal Mineral	Medicamentos
Valor	8,7	4,9	-1,1	-33,4	3,3	-6,1	-7,7
Preço	6,2	11,8	4,0	-0,2	1,0	4,9	-5,1
Quantidade	2,4	-6,2	-4,9	-33,2	2,3	-10,6	-2,7

**Figura 3 – Variação anual do volume, preços e faturamento das indústrias de insumos (2015/2014).**

**Fonte: Cepea/USP e FIESP (elaborado a partir de Cepea, IEA, FGV, ANDA, SINDIVEG, IBGE, SINDAN e ANFAVEA)**

A retração na indústria de máquinas e equipamentos agrícolas foi o principal fator negativo para o resultado do segmento de insumos da agricultura em 2015. Pesou no desempenho da indústria o recuo expressivo da produção, visto que os preços se mantiveram praticamente estáveis em termos reais (Figura 3). Segundo a Anfaeva, as vendas têm sido pressionadas principalmente pela instabilidade política e a consequente baixa confiança dos produtores agrícolas, visto que os fundamentos econômicos do agronegócio não justificam tamanha retração. A entidade destaca ainda o impacto negativo da suspensão do PSI rural, ocorrida em meados de outubro/15, e a intensa preocupação com os custos de produção, influenciados pela valorização do dólar frente ao Real, que também atuou de forma a prejudicar as vendas e a produção desta indústria.

O recuo da indústria de defensivos também se deveu ao menor volume produzido no ano, novamente atrelado ao fato de que o produtor está cauteloso frente ao cenário econômico vivenciado pelo País. Segundo entidades ligadas à indústria (Andef e Sindiveg), a queda nas vendas vinculou-se à possível descapitalização dos produtores, às maiores taxas de juros para o financiamento agrícola, à valorização do dólar e aos estoques elevados. Ademais, apontou-se que as altas temperaturas e secas prolongadas no ano reduziram a infestação de pragas, impactando em queda na demanda pelo produto.

No caso da atividade de fertilizantes, o resultado em faturamento foi positivo no ano, o que veio em sentido de amenizar a queda no PIB do segmento. O crescimento desta indústria decorreu exclusivamente da elevação de preços (+11,8%, já descontada a inflação), visto que para a produção houve recuo, de 6,23%. Segundo pesquisadores da equipe Custos/Cepea, as elevações de preços atrelaram-se à escalada do dólar frente ao Real ao longo do ano, sendo esta valorização cambial repassada aos preços de fertilizantes importados. Como grande parte das matérias primas utilizadas na produção dos adubos é importada, seus preços são diretamente influenciados pelo dólar. Este aumento dos preços, combinado a outros fatores, como elevação dos juros e redução de preços recebidos por algumas culturas, também se refletiu em desaquecimento da demanda para o produto, assim como observado para as máquinas agrícolas e defensivos, supramencionados.



No caso dos combustíveis, preços e volumes em alta levaram ao maior faturamento em 2015. As expansões das safras para diversas culturas e da produção suinícola e avícola no estado levaram à variação positiva de volume de combustíveis observada. Em termos de preços, a valorização reflete o aumento na tributação, como a incidência do CIDE e ICMS, que ocorreu principalmente no primeiro semestre de 2015.

Para o grupo de alimentação animal, o crescimento do faturamento em 2015 foi motivado pela elevação de 1% nas cotações reais e de 2,3% na quantidade produzida. Segundo o Sindirações, ao longo de 2015 a depreciação do Real encareceu algumas matérias-primas (aditivos importados) utilizadas na alimentação animal, o que explica a valorização. Com relação às vendas, segundo a entidade, o crescimento das exportações de alguns segmentos do ramo pecuário tem dado suporte para o desempenho do setor.

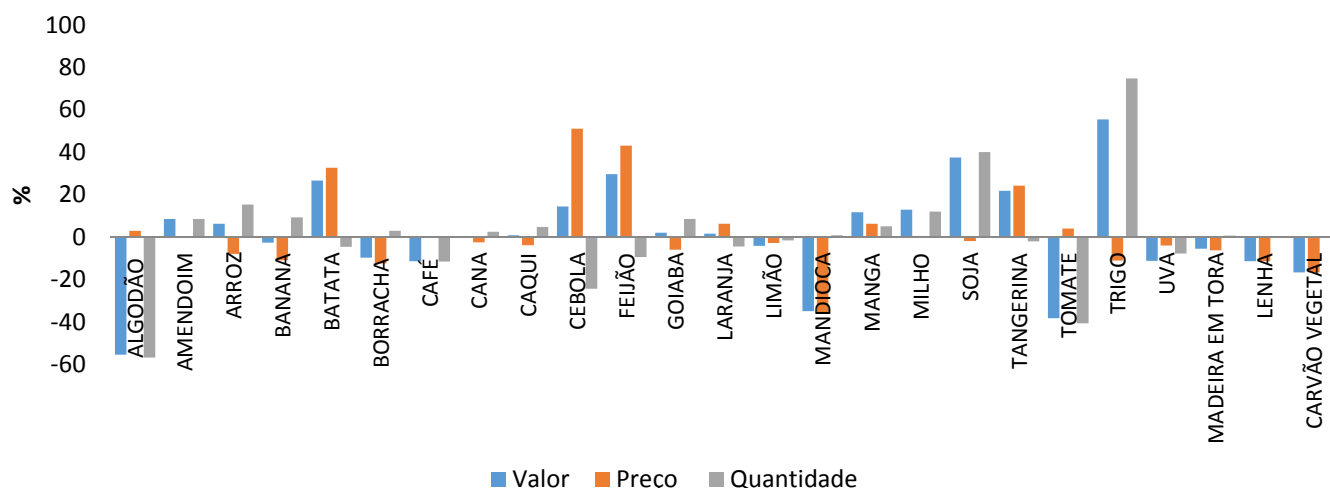
## SEGMENTO PRIMÁRIO

O segmento primário do agronegócio paulista foi o único dentre os segmentos a crescer em 2015, taxa de 0,7%. Tal resultado atrelou-se à elevação no ramo agrícola (+1,1%) visto que no ramo pecuário o segmento recuou ligeiramente (-0,4%) – Figura 1.

Na **agricultura**, entre as 25 atividades acompanhadas pelo Cepea, 13 tiveram aumento de faturamento em 2015. Estas atividades foram: amendoim, arroz, batata, caqui, cebola, feijão, goiaba, laranja, manga, milho, soja, tangerina e trigo. Já as atividades que recuaram foram: algodão, banana, borracha, café, limão, mandioca, tomate, uva, madeira em tora, lenha e carvão vegetal. Além destas, a cana manteve-se praticamente estável, com ligeira elevação de 0,1%.

Considerando a média das culturas acompanhadas pelo Cepea, o cenário foi marcado por **menores preços** agrícolas (em termos reais) e **aumento da produção** no ano. Vale frisar, que a dinâmica de preços apresentou reversão relevante no último quadrimestre do ano. Entre janeiro e agosto, o preço médio das culturas acompanhadas passou por consistente movimento de deterioração em termos reais, seguindo a tendência observada desde 2012. A partir de setembro, a variação negativa passou a tornar-se mais amena e, deste modo, na comparação entre janeiro a dezembro de 2015 e 2014 houve retração real de 0,42% (na comparação entre os primeiros semestres anuais a baixa era superior a 2%). As principais influências individuais neste cenário de certa melhoria de preços foram: algodão, banana, batata, além das culturas vinculadas ao mercado externo – trigo, milho, soja e laranja. No mesmo período (2015 frente a 2014), observou-se expansão média de 1,79% na produção agrícola estadual, o que levou ao quadro de alta observado no balanço entre preço e produção.

Considerando-se tanto a magnitude da variação quanto o peso das atividades no PIB do segmento, pode-se verificar que o segmento primário agrícola foi influenciado positivamente em 2015, sobretudo, pela soja e pelo milho, efeito relacionado principalmente à maior produção no estado. A Figura 4 mostra as variações de faturamento, preço e produção das atividades agrícolas acompanhadas pelo Cepea para a evolução do PIB.



Produto	Algodão	Amendoim	Arroz	Banana	Batata	Borracha	Café	Cana	Caqui	Cebola	Feijão	Goiaba	Laranja
Valor	-55,3	8,6	6,3	-2,5	26,8	-9,6	-11,3	0,1	1,0	14,5	29,8	2,2	1,8
Preço	3,1	0,0	-7,9	-10,9	32,8	-12,3	0,2	-2,4	-3,8	51,1	43,2	-5,9	6,4
Quantidade	-56,7	8,6	15,4	9,4	-4,6	3,1	-11,4	2,7	4,9	-24,2	-9,4	8,6	-4,4

Produto	Limão	Mandioca	Manga	Milho	Soja	Tangerina	Tomate	Trigo	Uva	Madeira Em Tora	Lenha	Carvão Vegetal
Valor	-4,1	-34,8	11,8	13,0	37,6	21,9	-38,1	55,6	-11,2	-5,4	-11,3	-16,5
Preço	-2,7	-35,5	6,4	0,7	-1,8	24,3	4,1	-11,0	-3,8	-6,1	-11,3	-16,5
Quantidade	-1,4	1,0	5,1	12,2	40,2	-1,9	-40,5	74,8	-7,6	0,7	0,0	0,0

**Figura 4 – Variação anual do volume, preços e faturamento das atividades agrícolas (2015/2014).**

**Fonte: Cepea/USP e FIESP (elaborado a partir de Cepea, Conab, IBGE, UNICA, IEA, Ciflorestas, UDOP)**

Para a soja, a melhora no faturamento refletiu a expansão do volume produzido, visto que os preços em 2015 estiveram em patamar 1,8% inferior ao de 2014. Quanto às cotações, a relação de queda reflete, principalmente, o elevado nível praticado no 1º semestre de 2014, visto que ao longo de 2015 não houve retrações, mas, sim, um movimento geral de alta. Segundo a equipe Grãos/Cepea, em 2015 foram registrados recordes de produção e exportação da soja brasileira. Além disso, a oferta mundial também foi recorde, e pressionou as cotações externas. Neste cenário, a queda nos valores domésticos da soja só não foi mais acentuada pois a elevação dos embarques e a desvalorização do Real levaram a uma relativa sustentação. No que tange ao volume produzido no estado, a alta no ano foi de expressivos 40,2%. Segundo dados da Conab, o crescimento resultou principalmente do aumento em 32% da produtividade da lavoura paulista. Vale salientar que a elevação do rendimento na comparação entre safras ocorreu a despeito de diversos problemas enfrentados pela lavoura. Isso porque, na safra anterior, os transtornos climáticos foram intensos, derrubando a produtividade no estado.

No caso do milho, o cenário foi similar ao da soja, com o incremento de produção (+12,2%) sendo o principal fator a impulsionar o faturamento. Para os preços, houve relativa estabilidade: +0,7% na comparação entre 2015 e 2014. Segundo pesquisadores da equipe Grãos/Cepea, a safra nacional 2014/15 foi recorde também para o milho. Mas, mesmo com a oferta elevada, houve sustentação dos preços, devido à maior competitividade do cereal brasileiro no mercado internacional (resultado da alta do dólar frente ao Real). No que diz respeito à produção, assim como para a soja, grande parte do incremento deveu-se a maior produtividade obtida no estado (+10,9%, segundo a Conab).

Para a laranja, também houve elevação do faturamento em 2015, de 1,8%. Esta alta derivou de preços 6,4% maiores, visto que a produção paulista recuou 4,4%. Ainda que os preços da fruta em 2015 tenham se mantido acima daqueles observados em 2014, ressalta-se que nas últimas três safras o preço *spot* da laranja destinada à indústria manteve-se abaixo do preço mínimo definido pelo governo federal. Por este motivo, muitos produtores paulistas não

conseguiram cobrir sequer os custos de produção, acumulando dívidas e utilizando rendimentos de outras culturas para cobrir os gastos com a laranja, de acordo com apontamentos da equipe Hortifrúti/Cepea.

Para cana, produto de maior peso na agricultura paulista, houve estabilidade do faturamento em 2015, com modesta elevação de 0,1%. Esta taxa resultou do balanço entre preços 2,4% menores e produção 2,7% maior. O aumento da produção estadual deveu-se a maior produtividade (+2,8%), visto que a área reduziu cerca de 0,2%. Segundo a Conab, a melhora no rendimento expressou a recuperação dos canaviais, que passaram por forte restrição hídrica na safra anterior.

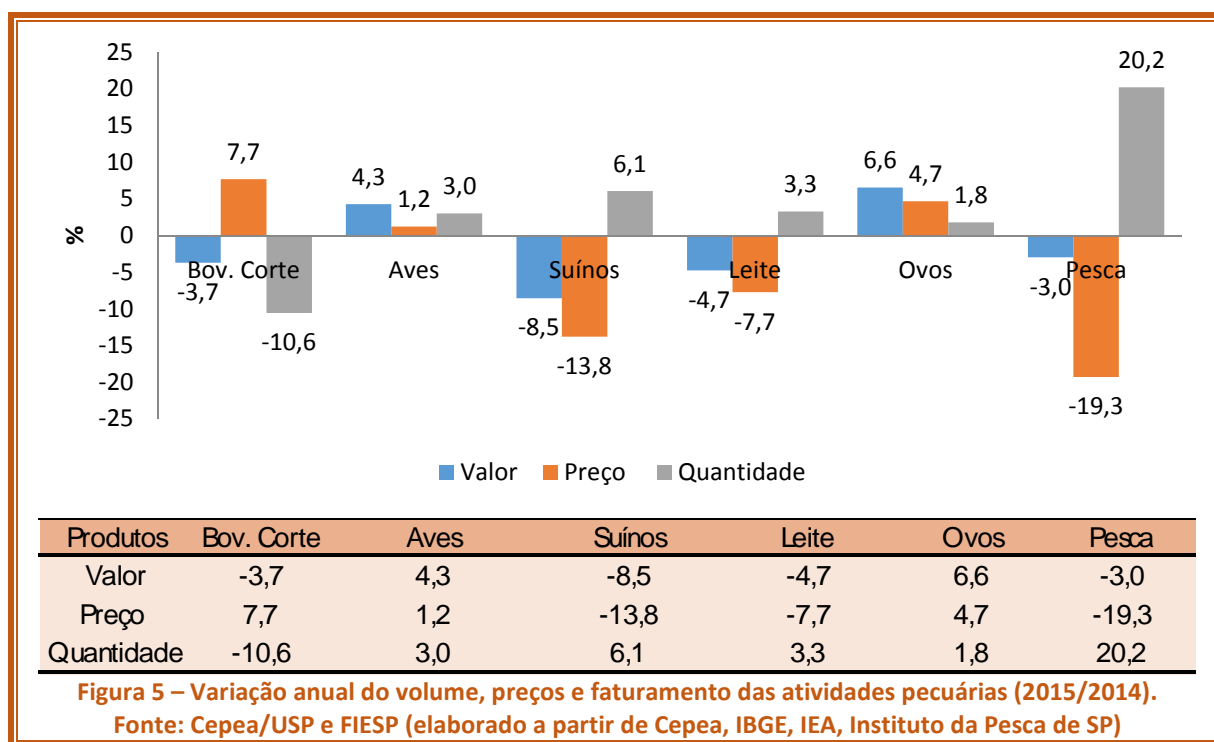
Como impactos negativos no segmento primário agrícola, destacam-se as quedas no faturamento da mandioca, café e tomate. Para a mandioca, a forte baixa das cotações pressionou o faturamento. Já para o tomate e o café, a menor produção no ano pesou sobre os resultados.

No que tange ao café, a redução da produção no estado decorreu de quedas na produtividade. Segundo a Conab, a safra 2015 foi bastante afetada por más condições climáticas durante o ciclo de desenvolvimento. Altas temperaturas e baixo regime pluviométrico provocaram estresse hídrico em períodos críticos da formação da safra, prejudicando severamente a produtividade.

Mesmo com menor peso no segmento, destaca-se a expressiva retração de faturamento para a cultura do algodão em São Paulo, de 55,3%. Esta redução se deu via recuo superior a 50% na quantidade produzida, reflexo da menor área plantada, que acompanhou a tendência de baixa dos preços no início do ano. Para os preços, houve elevação de 3,1%, resultado de melhoras sucessivas ao longo do ano. A diminuição da safra brasileira 2014/15, somada a maior paridade de exportação, deu suporte aos sucessivos reajustes.

Já no segmento primário da pecuária, a baixa registrada atrelou-se à bovinocultura de corte, suinocultura, leite e pesca, que recuaram 3,7%, 8,5%, 4,7% e 3%, respectivamente. Em contrapartida, as elevações de faturamento para as aviculturas de corte e postura, de 4,3% e 6,6%, respectivamente, amenizaram a queda no segmento. Ademais, no caso da pecuária, o resultado agregado do segmento derivou de movimentos contrários aos observados na agricultura, com maiores preços no ano (aumento médio de 1,63%) e recuo na produção (-1,53%).

A Figura 5 mostra as variações de faturamento, preço e produção das atividades pecuárias primárias acompanhadas pelo Cepea para este cálculo da evolução do PIB.



No caso da bovinocultura de corte (que tem peso superior a 30% no total do segmento primário pecuário), a queda do faturamento decorreu da produção 10,6% menor em 2015. Já os preços, tiveram alta real de 7,7%. Segundo pesquisadores da equipe Boi/Cepea, pelo terceiro ano seguido os preços em todos os elos da pecuária de corte estiveram em alta no País. Esta sustentação das cotações resultou principalmente da baixa oferta de animais para o abate, relacionada a questões climáticas. Além de as chuvas terem sido abaixo da média desde 2013 e até meados de 2015 em diversas regiões produtoras do País, o que prejudicou as pastagens, o desenvolvimento e a engorda dos animais, o abate de matrizes em anos anteriores reforçou a queda na disponibilidade interna presente.

Para a atividade suinícola, ao contrário do observado na bovinocultura, os menores preços (-13,8%) pressionaram o faturamento. Já a produção, que cresceu 6,1%, ajudou a amenizar a queda para a atividade. Segundo a equipe Suínos/Cepea, o setor aumentou sua produção no ano como reflexo dos bons resultados da atividade em 2014. Mas, tal dinâmica acabou gerando excesso de oferta e consequente recuo das cotações. A equipe destaca ainda que a valorização do dólar em relação ao Real atuou de forma a elevar os custos de produção na atividade.

No caso da atividade leiteira, apesar do aumento de 3,3% na produção estadual, os preços 7,7% menores pressionaram o faturamento. Segundo pesquisadores da equipe Leite/Cepea, diferente de outros produtos agropecuários que, em certa medida, foram favorecidos pela elevação da taxa de câmbio em 2015, este ano não foi favorável à cadeia pecuária do leite, considerando-se todos os seus elos. Especificamente na produção “dentro da porteira”, produtores enfrentaram aumentos constantes de custos de produção em um cenário de preços reduzidos do leite, o que implicou em queda expressiva nas margens. Como uma consequência desta dinâmica, a equipe apontou, ainda, um movimento de migração de produtores paulistas de leite em sentido à pecuária de corte, diante dos preços atrativos da arroba e do bezerro.

Para a avicultura de corte, o cenário foi de alta tanto em preços quanto produção, a taxas de 1,2% e 3%, nesta ordem. Para as cotações, foram observadas sucessivas elevações ao longo do ano. Segundo a equipe Frango/Cepea, a relação favorável de preços no final de 2015 respondeu ao bom desempenho das exportações e aos elevados preços da carne bovina, o que estimulou o consumo da carne de frango.

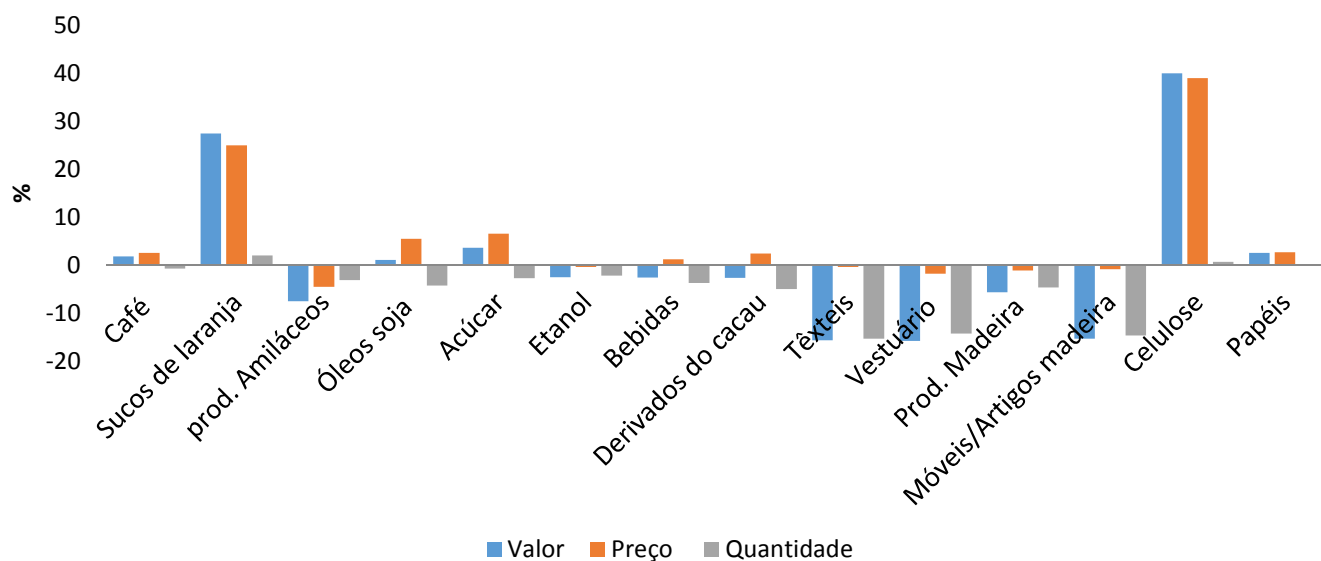
No caso da avicultura de postura, o cenário também foi altista em preços e produção. Para preços, a elevação em 2015 foi de 4,7% e, para produção, de 1,8%. Segundo pesquisadores da equipe Ovos/Cepea, o bom desempenho das exportações do produto em 2015 (aumento de 70%), impulsionadas pela alta do dólar em relação ao Real, ajudou a reduzir a disponibilidade no mercado interno. Esse cenário, aliado a uma demanda interna firme, principalmente no segundo semestre, elevou os preços ao produtor durante praticamente todo o ano. Por outro lado, os altos custos limitaram melhores resultados financeiros aos avicultores de postura.

## SEGMENTO INDUSTRIAL

O segmento industrial do agronegócio paulista apresentou recuo de 1,7% em 2015, sendo -1,6% para indústria agrícola e -2,5% para a indústria da pecuária.

No ramo **agrícola**, as indústrias que cresceram em 2015 foram: indústria do café, de fabricação de sucos de laranja, de fabricação de óleo vegetais e as indústrias açucareira e de celulose e papel. Todas as demais apresentaram baixa no ano, levando ao resultado negativo do segmento. No balanço das indústrias de processamento vegetal acompanhadas, de forma agregada, o resultado negativo derivou da menor produção (-3,9%), visto que os preços foram superiores em 2015 (+2,5%).

A Figura 6 mostra as variações de faturamento, preço e produção das atividades do segmento industrial agrícola consideradas no acompanhamento do PIB.



**Figura 6 – Variação anual do volume, preços e faturamento das atividades do segmento industrial agrícola (2015/2014).**  
Fonte: Cepea/USP e FIESP (dados de Cepea, ABIC, Alice-web, IEA, IBGE, FGV, UNICA, Abiove, Abitrigo, ABICAB, Bracelpa).

Para a indústria açucareira, a expansão do faturamento se deu via maiores preços (+6,5%), visto que a produção recuou no estado (-2,7%). Segundo a equipe Açúcar/Cepea, as cotações começaram a reagir em agosto, puxadas pela boa remuneração nas vendas externas. A boa rentabilidade das exportações, por sua vez, decorreu da valorização do dólar frente ao Real e das elevações nas cotações do açúcar demerara na bolsa de Nova York. Já o impulso às cotações internacionais, atrelou-se às estimativas de déficit global de açúcar na safra mundial 2015/16 (iniciada em outubro). Para a produção, houve recuo mesmo diante do maior volume de cana-de-açúcar produzido. Segundo a Conab, apesar do aumento da produção de cana no estado, houve redução no ATR estimado para safra, de modo que a produção de subprodutos foi inferior.

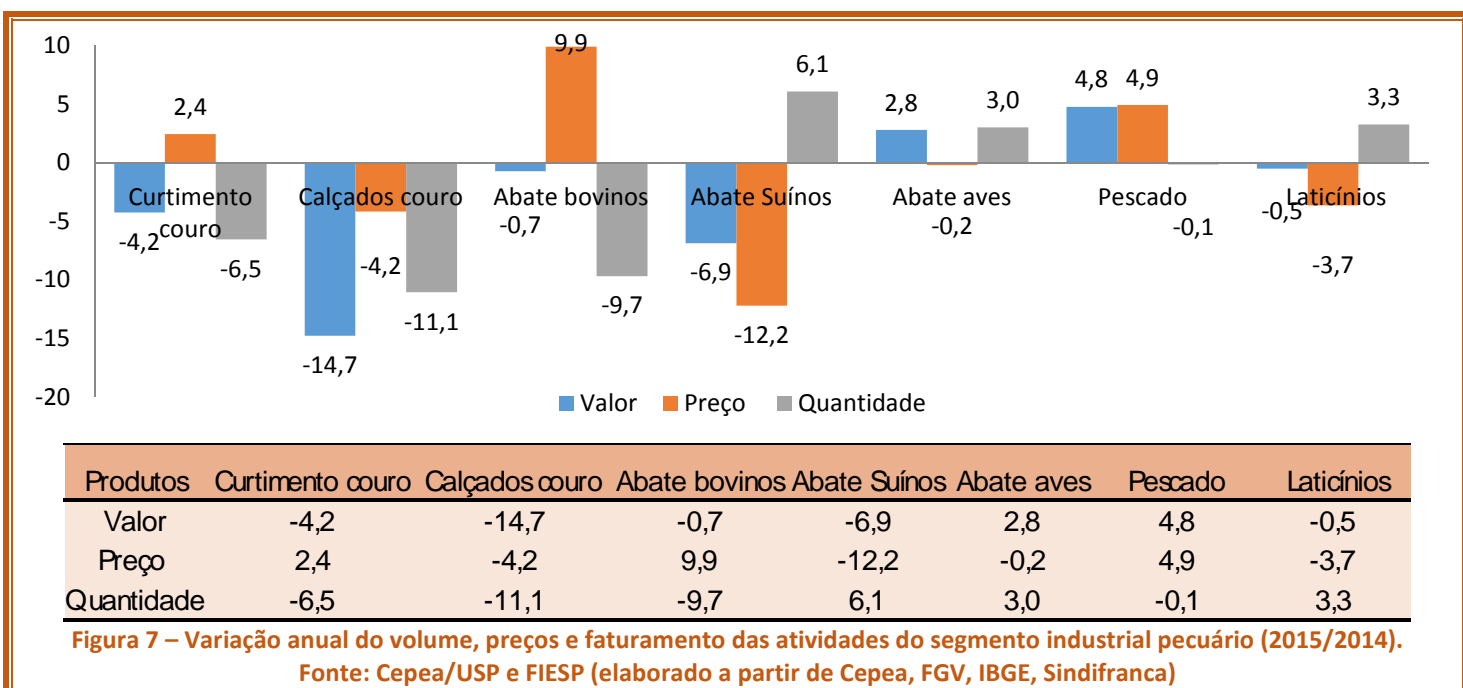
No caso da indústria de celulose, mesmo com a quantidade produzida praticamente estável (+0,7%), a forte elevação das cotações, de 39,9%, impulsionou o faturamento no ano. A tendência de elevação nas cotações internas da celulose foi persistente desde outubro de 2014. Esse efeito relacionou-se à combinação de altas no preço internacional do produto (movimento contrário ao observado para diversas outras *commodities*), desvalorização do Real frente ao dólar, e ao fato de que a indústria de celulose está quase completamente voltada ao mercado externo.

Entre as indústrias que recuaram em 2015, destacam-se a têxtil e a vestuarista. Para estas, o cenário predominante foi o de expressiva retração de produção: -15,3% e -14,2% para têxtil e vestuário, respectivamente. Ademais, os preços também apresentaram queda, mas a taxas mais amenas: -0,4% e -1,8%, para as indústrias na mesma ordem. No que diz respeito a produção, o movimento de retração tem sido observado de forma consistente desde 2011 (sendo 2013 a única exceção). No período mais recente, segundo agentes do setor, os recuos têm ocorrido como resultado da concorrência com produtos importados e do cenário macroeconômico desfavorável, com o mercado interno desaquecido. Ressalta-se ainda o efeito do momento cambial. Por um lado, com o Real desvalorizado, a competitividade do produto nacional aumenta, reduzindo o volume de produtos importados do mercado chinês. Entretanto, grande parte da matéria-prima destas indústrias é importada e, com isso, a desvalorização da moeda nacional encarece a compra de insumos.

Para a indústria do etanol, o faturamento no ano foi pressionado pela redução de 2,2% na produção, visto que os preços não registraram grandes alterações em relação ao ano anterior, com ligeira baixa de 0,3%. Vale frisar, que a relação de preços para esta indústria se tornou menos negativa ao longo do ano, especialmente no segundo quadrimestre, a partir de setembro/15. Segundo a equipe Etanol/Cepea, a formação de preços neste período foi influenciada por chuvas frequentes atreladas ao fenômeno El Niño, que interromperam pontualmente a colheita e a moagem nas principais regiões produtoras do Brasil. Ocorreram, então, sucessivos aumentos de preços, mas insuficientes para que a cotação média de 2015 se destacasse na série histórica. A equipe apontou ainda que muitas usinas não têm conseguido compatibilizar preços estáveis com custos crescentes.

Quanto a **indústria da pecuária**, os resultados foram pressionados pelas indústrias de couro e calçados, laticínios, e pelas atividades de abate de suínos e bovinos. Apenas o abate de aves e a fabricação de produtos de pescado cresceram no ano. A exemplo da indústria agrícola, no caso do processamento animal, a pressão sobre o faturamento também decorreu do menor volume produzido (queda média de 3,5%), visto que os preços finalizaram o ano em alta (+1,33%).

A Figura 7 mostra as variações de faturamento, preço e produção das atividades do segmento industrial da pecuária acompanhadas pelo Cepea para o PIB do Agronegócio de SP.



Para a indústria de calçados, assim como para roupas e tecidos, a dinâmica desfavorável também se vinculou principalmente a retrações no volume produzido. Segundo o Sindifranca, a indústria de calçados da cidade (Franca – SP), que é referência na produção paulista, atingiu em 2015 o pior volume de produção dos últimos cinco anos. A entidade aponta que a queda na produção ocorreu diante da fraca demanda interna, em vista à redução do poder de compra das famílias.

Já para os laticínios, os menores preços pressionaram o desempenho da indústria, via queda de 3,7%. Segundo a equipe Leite/Cepea, o fundamento para os baixos preços no ano atrelou-se a condições de demanda. Isso porque, as indústrias de lácteos enfrentaram em 2015 o enfraquecimento da renda nacional e paulista e, então, das vendas dos derivados, que foram prejudicadas pela redução do poder de compra das famílias. Ademais, dinâmicas de chuvas desfavoráveis em algumas regiões produtoras do estado ocasionaram o aumento da concorrência entre as indústrias por produtores, o que também dificultou a obtenção de resultados positivos no ano.

Avaliando a indústria do abate de forma desagregada, observa-se que a retração mais expressiva se deu para o abate de suínos, via redução das cotações. No caso da carne suína, segundo pesquisadores da Equipe Suínos/Cepea, frigoríficos voltados ao mercado interno enfrentaram dificuldades decorrentes de um excesso de volume ofertado sobre as vendas no atacado. No entanto, para as empresas exportadoras da carne, o faturamento foi recorde em 2015, resultado do dólar valorizado e da retomada das compras russas.

Para o abate bovino, também houve certa retração no faturamento, mas essa se deu via menor produção, visto que os preços apresentaram alta de 9,9% em 2015. No caso da carne bovina, o bom resultado em preços resultou da baixa disponibilidade interna de animais para o abate, como mencionado anteriormente.

## SEGMENTO DE SERVIÇOS

Finalmente, seguindo o desempenho dos demais segmentos, o segmento de **serviços do agronegócio**, que reflete os resultados de todos os serviços de comercialização e distribuição dos produtos agropecuários e agroindustriais, recuou 1,6% no acumulado de 2015. As retrações foram de 1,4% para os serviços relacionados ao ramo agrícola e de 2,2% para os serviços prestados ao ramo pecuário.

### • METODOLOGIA

O Relatório do PIB do Agronegócio de São Paulo é uma publicação semestral resultante da parceria entre o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA), da Esalq/USP, e a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP).

O cálculo do PIB do agronegócio é feito pela ótica do valor adicionado, a preços de mercado, computando-se os impostos indiretos líquidos de subsídios. A quantificação dessa medida reflete a evolução do setor em termos de *renda real*, a qual se destina à remuneração dos fatores de produção: trabalho (salários e equivalentes), capital físico (juros e depreciação), terra (aluguel e juros) e lucros. Considera-se, portanto, no cômputo do PIB do agronegócio, tanto o crescimento do volume produzido como dos preços, já descontada a inflação.

O agronegócio é entendido como a soma de quatro segmentos: insumos para a agropecuária, produção agropecuária básica, ou primária, agroindústria (processamento) e Serviços – como na Figura que segue. A análise desse conjunto de segmentos é feita para o ramo agrícola (vegetal) e para o pecuário (animal). Ao serem somados, com as devidas ponderações, obtém-se a análise do agronegócio.



É importante destacar que este relatório considera os dados disponíveis – preços observados e estimativas anuais de produção – até o seu fechamento. Em edições futuras, ao serem agregadas informações mais atualizadas,

pode, portanto, haver alteração dos resultados de meses e também de anos passados. Recomenda-se, portanto, o uso do relatório mais atualizado.

Os cálculos sobre a variação do *volume* partem das mais recentes projeções de safra para o ano em curso. Essas quantidades são confrontadas com as projeções de volume correspondentes do ano anterior. Para preços, calcula-se a variação confrontando o preço médio no ano corrente (média de janeiro ao mês de referência) com o preço médio registrado no mesmo período do ano anterior.





**Presidente**  
Paulo Skaf

**DEPARTAMENTO DO AGRONEGÓCIO**

**Diretor Titular:** Mario Sergio Cutait

**Diretores**

**Divisão de Insumos:** Welles Clovis Pascoal

**Divisão de Produtos de Origem Vegetal:** Nathan Herszkowicz

**Divisão de Produtos de Origem Animal:** Francisco Sérgio Turra

**Divisão de Nozes e Castanhas:** José Eduardo Mendes de Camargo

**Gerente:**

Antonio Carlos P. Costa

**Equipe Técnica:**

Anderson dos Santos  
Fabiana C. Fontana  
Gregory Honczar

**Coordenação Geral:**

Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros, Ph.D, Coordenador Científico do Cepea; Professor titular Esalq/USP

**Pesquisadores do Cepea:**

Dra. Adriana Ferreira Silva,  
Dr. Arlei Luiz Fachinello,  
M<sup>a</sup> Nicole Rennó Castro,  
M.e Leandro Gilio

**Federação das Indústrias do Estado de São Paulo - FIESP**

Departamento do Agronegócio - DEAGRO  
Av. Paulista, 1313, 5º Andar – CEP: 01311-923 São Paulo – SP

[deagro@fiesp.com](mailto:deagro@fiesp.com)

[www.fiesp.com.br](http://www.fiesp.com.br)

**Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - CEPEA**

Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" - ESALQ  
Universidade de São Paulo - USP

Av. Centenário, 1080  
CEP: 13416-000 Piracicaba SP

[pibcepea@usp.br](mailto:pibcepea@usp.br)

[www.cepea.esalq.usp.br/](http://www.cepea.esalq.usp.br/)